

— Porê m não percebia a voz da intriga
 N'uma palavra bella,
 Nem o fundo mysterio penetrava
 Do riso da donzella.

Não conhecia a côr do negro crime,
 Nem a frágoa da dor ;
 Nem o ciume atribulado e cego,
 Nem o profano amor.

Meu amor era o brilho das estrellas,
 E da lua o pallor ;

Quando o sol despontava no horizonte,
 Era o sol meu amor.

Eu amava o sorrir da natureza ;
 Da tarde o pardo veo,
 E as mil figuras que fingia a nuvem
 Nas campinas do ceo.

E á minha mãe que ja da Eternidade
 No seio repoisava,
 Pedia a bençã m crendo que do alto
 Risonha me acenava.

— Hoje o ceo ja não me importa
 Que esteja limpo ou nublado ;
 Não me importa a côr da lua,
 Não me importa o sol doirado.

Que a mão de tristes cuidados
 Pôs um veo ante meus olhos,
 E além d'elle so deviso
 Falsidade, ingano... abrolhos !

Que eu a intriga conheci,
 Provei a sêde do amor ;
 Cortou-me o agro ciúme,
 Gemi na frágoa da dor !

— Lindo sonho que meigo me imballavas,
 Oh infancia doirada,
 Per que tam pressurosa te sumiste
 Nos abysmos do nada?...

J. C. R.

A AMERICA.

E' com pasmo que a nossa velha e civilisada Europa con-

templa a vasta e mysteriosa America, berço ignorado de gentes que não deixaram de si mais do que o horrído expectaculo de algumas brancas ossadas meio cobertas de pó; que nada a seu respeito escreveram; que nasceram incognitas, e morreram sem ter gravado no marmore sequer um pensamento: a mesma lembrança d'ellas consumiu-a o tempo na memoria dos homens, entre as solidões do Novo-Mundo, aonde ellas se elevavam talvez como gigantes. (*)

Este povo riscado silenciosamente da lista dos povos, e que sobre elle deixa muda a história, desapareceu como o tufão que á pouco e pouco vai expirando pelas cavernas das montanhas, ou como o derradeiro susurro das aragens da tarde, que vai perder-se ao longe, nas campinas floridas.

Segui o curso de certos rios, desinredae os sipoaes, desviae essas grandes árvores cahidas de velhas, que outr'ora fortes e viciosas hoje apodrecem no lodo em que estão metade sepultadas. Entre essas mattas de espinhos cavae a terra, cavae-a: que mysterios que ella vos offerece!... Esperae! Vêde! — Tumulos... por toda a parte a morte! — Construccões, grandes construccões carcomidas pelos annos... uma cidade! — Canaes, pedaços d'armas singulares, vasos, exquisitas figuras n'esses vasos... uma civilisação!...

Oh! ja que tendes ânimo, procurae na sepultura os homens que viveram no passado dos tempos. Avido como vós, o verme carnívoro abriu um trilho aqui... E longos dias passaram.

Os seculos haviam posto o sêllo de um profundo esquecimento sobre as campas perdidas entre o lodo dos rios, ou na margem dos lagos: ora pois, quebrae vós o silencio d'esses logares aonde os veos impenetraveis da Providencia estavam extendidos ao modo de uma rede immensa á que não escapou nada... Quebrae a pedra do tumulo: que vistes? Ossos, ossos enormes... Um povo!...

Eil-os os segredos do deserto, d'esse deserto que de todos os lados faz brotar a inspiração; que está cheio de harmonias, e assentado sobre um throno de cheirosos sipós.

Como é elle nobre com a sua tristeza! como é bello com as suas alegrias!

(*) A America inteira é realmente um paiz mysterioso. Os povos de que fallamos nunca foram conhecidos, e provavelmente nunca o serão. Sabe-se unicamente que nas margens do Ohio, e n'outras paragens tem-se incontrado tumulos exquisitos contendo extraordinarios esqueletos. Entre esses restos como que se reconhece a physionomia de três povos differentes, que precederam aos selvagens propriamente dittos no Novo-Mundo.

Quem seria capaz de não amar a sua pompa e voluptuosidade tam casta, sua doce languidez, e seu fresco vestido de folhas sempre verdes, infeitado de flores immarcessiveis, e humedecido do orvalho!

E' ahi, é no Novo-Mundo que o poeta póde estudar a sua arte! é lá que deve de germinar poderoso, grande, seu pensamento inventor; lá se lhe offerece o gracioso e ameno a par do lóbrego e horrivel; a seus olhos desdobra-se um painel cheio de vida, immenso, magestoso, ardente de poesia; idéas de todo o genero rodeiam-n'o, electrizam-n'o, atormentam-n'o, despertam-lhe profundas commoções, arrancam-lhe lagrymas, arrancam-lhe cantos que não morrem, cantos sublimes!... Eia! arrebate-se o ingenho nas asas do inthusiasmo e da alegria! vibrem as chordas de uma lyra nova em um mundo novo! Nada do que é ja usado, nem do que sente a lima européa, nada se oiça em um paiz de maravilhas aonde tudo é novo, aonde aviventa tudo uma seiva de fogo, aonde o pensamento se exalta e se ingrandece livre, virgem, puro, e bello!...

Assimelha-se porventura a America ao nosso continente? A poesia que nos ella patenteia deve de parecer-se acaso com a poesia que nos insinam os livros? Não, que por mui forte não se póde ella applicar indistinctamente a tudo, como essa cujas regras fixas tem sido reproduzidas no correr dos seculos. Lá onde tudo se nos mostra radiante de sublime belleza, e resplandecente das mais ricas côres, lá onde montanhas gigantescas se elevam rudes, asperas, terriveis, sôbre abysmos, cujos flancos tenebrosos escondem não sei que aguas, que vão rugindo entre as rocas, parecendo proferir vozes que assustam; lá onde as florestas se inclinam sôbre as florestas, onde os lagos se derramam nos lagos, e as cascatas se precepitam sôbre as cascatas; lá, de certo, para exprimir o que sentimos, para pintar o que vemos, não ha mister ser forçado o pensamento; é preciso sim um pincel grande, altivo, novo, e audaz; um traço seguro e certo. Si a palheta que tendes vos não serve, si imitaes os homens ahi onde não ha que imitar outra coisa mais que a natureza, frio copista! renega-vos o deserto, e não é para vós que se elle reveste de magnificencia, e exala suaves perfumes; não, vós não comprehendestes então o que é uma floresta, onde o machado de vossos povos civilizados não fez ranger os velhos troncos sôbre a margem das correntes; não comprehendestes o que seja a cabana de um selvagem no meio d'essa floresta que vos não inspirou nada; ide buscar uma alma, e voltae depois a perder-vos n'esses labyrinthos de verdor e frescura. Olhae: tudo o que vosso sôpro attingiu, tudo o que de vossas mãos sahiu, depois de um penoso

trabalho, é arido, inanimado, sem fogo, sem poesia... e nós não queremos um cadaver onde tudo é mocidade e vida! Fazei differença entre os homens e entre os logares; não é como a França ou a Itália que nós queremos que a America vos inspire; não! Nós queremos que vos falle mais alto, que vos diga mais ainda essa America tam formosa, com sua longa cabelleira de mattas virgens, com suas racas de homens que se extinguiram ignotas, com suas tribus selvagens que lentamente foi devorando a espadá européa, com suas massas de rochedos suspensos nos abysmos, com seus aromas, com seus bosques, com seus rios, com seus amplos tapetes de esmeralda purpura e oiro, e com as maravilhas de seu solo que susteve e absorveu centenaes de nações que denominamos barbaras, mas cuja valentia nos hade sempre assombrar, cujas desgraças devemos chorar sempre, e cuja perda será sempre horrivel ás edades porvindouras para vergonha eterna da Europa!

Enão é pois lá, n'essa terra tam fecunda para o ingenho, que a inspiração se apodera de um coração de poeta, agita-o, e fá-lo erguer vozes nunca d'antes ouvidas? Não é lá que se abre deslumbrante o immenso livro da natureza, e se desdobra pagina por pagina aos pés do Eterno?...

Trad.

SUSPIRO.

UMA NOITE FORA DA PATRIA.

N'esta plaga tão deserta
 Divagando o pensamento,
 Das saudades ao tormento
 Mal me bate o coração.

Adeus, montes, e florestas,
 Adeus, patria mansidão.

Grossas nuvens pelos ares
 Lentamente a deslizar
 A minha alma contristar
 Vem ali em multidão.

Adeus, prados, adeus flores,
 Adeus, patria amenidão.

Tristes aves agoureiras
 Eu so ouço aqui gemer;
 Ternas lagrimas verter
 Eis me ordena o coração.
 Adeus, montes, e florestas
 Adeus, patria mansidão.

Duvidoso pyrilampo
 Com a triste luz escassa
 Me procura a noite baça
 Aclarar; porem em vão.
 Adeus, prados, adeus flores,
 Adeus, patria amenidão.

Ja não ouço da corrente
 A linguagem ruidosa;
 Nem a lua fulgurosa
 Deita aqui meigo clarão.
 Adeus, montes, e florestas,
 Adeus, patria mansidão.

Pelo tremulo arvoredos
 Enfiando rijo vento
 Com seu rouco movimento
 Me surprende o coração!...
 Adeus, prados, adeus flores,
 Adeus, patria amenidão,
 Adeus, montes, e florestas,
 Minha doce habitação.

O. J. MEIRA.

ANECDOTA.

Metteu-se na cabeça á um doido o casar com certa dama do Paço, e que Elrei se oppunha á este consorcio. Pouco tempo depois da morte de sua Magestade, encontrou-o um fidalgo que lhe sabia da balda, e lhe disse: *Meu amigo, agora ja não tens imbaração algum para casar com Dona F, — Ja mudei de tenção, accrescentou elle, e estou resolvido a casar com a rainha. — A casar com a rainha! E que ficas tu então sendo?* lhe perguntou o fidalgo. — *Essa é bóa!* respondeu o doido: *fico sendo o rei defuncto.*

Na pag. 14 linh. 6, em vez de dons tam essenciaes, dos mais contribuintes, leia-se: dois meios tam essenciaes e dos mais etc.

A ALVA

JORNAL LITTERARIO.

PUBLICA-SE

uma vez por mez, contendo cada numero de 12 a 20 paginas.

Recebem-se assignaturas na Cidade Alta em casa do Snr. Francisco Fernandes Lima, Rua Direita, N. 75, e no Varadouro na loge do Snr. Antonio Alexandrino Lima, Rua das Convertidas, N. 16.

Preço da assignatura Rs. 2\$000 por semestre.